

Número da fita: 0024

Título: Entrevista com Marilda de Souza, Ondina Romão, Geraldo Romão e Olga Romão

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:00:00	00:01:34	A entrevista acontece à beira do rio Bracuí. D. Marilda é visualizada do busto para cima. Ao fundo a bela paisagem da mata ribeirinha.	Som da correnteza do rio ecoa ao fundo. D. Marilda lembra que na infância ouvia muitas histórias contadas pelos mais velhos quando todos estavam reunidos na feitura da farinha.	CN		

00:01:34	00: 05:50	Idem.	<p>As memórias de D. Marilda sobre a mãe remetem a uma mulher de difícil trato. A mesma gostava de frequentar as festas da igreja católica local. D. Marilda comenta que não tem lembranças da mãe cantando jongo, mas sim dançando.</p> <p>D. Marilda recita um ponto de jongo dessa época: “Eu vim de lá de cima/ Vi duas moças cerrando/ Uma de baixo outra de cima/ Cavaco de pau tava voando/aê, aê, aaa/.”</p> <p>Perguntada se havia briga no jongo no tempo de sua mãe, afirma que não. Mas diz recordar que a sua mãe gostava de provocar as pessoas. Fala que sua mãe morreu nova. Com a idade de 65 ou 66 anos.</p>	JO		
----------	-----------	-------	--	----	--	--

00: 05:50	00: 07:45	Idem.	Neste trecho, fala da pesquisa que fez na comunidade para a escola sobre calango, medicina popular, musicas de carnaval e jongo. A mesma foi feita sob o incentivo da diretora da escola pública próxima à comunidade. D. Marilda comenta, também, de um livro sobre a história da comunidade do Bracuí, escrito por uma professora. D. Marilda diz que participou do livro contanto algumas histórias. Uma delas teria sido contada por seu Manoel Moraes. A história fala sobre um escravo fugido. D. Marilda lembra que o pai contava a mesma história para ela.	ME		
00: 07:45	00: 14:07	Idem.	D. Marilda conta a história de um escravo que incitava à rebelião entre os seus companheiros de cativeiro. Esta é a história que ela mencionou no trecho anterior.	ME		
00: 14:07	00: 16:00	Idem.	D. Marilda fala sobre o patrimônio material deixado de geração para geração na comunidade. Fala da coleção de moedas antigas de seu sogro.			
00: 16:00	00: 17:20	Idem.	D. Marilda comenta que gosta de narrar as histórias contadas por seu pai. Lembra que, também, ouviu muitas histórias de sua irmã mais velha.			

00: 17:20	00: 17:55	Marilda fica em pé.	Conversa aleatória			
00: 17:55	20:51	Paisagem(Filmagem do rio Bracuí. Aparecem pessoas tomando banho no rio ou sentadas nas pedras às margens.).	Ao fundo a voz de D. Marilda. D. Marilda fala sobre a pesca predatória no rio.			
00: 20:51	00: 21:54	Entrevista família Romão, realizada na casa de D. Ondina. Os três irmãos estão sentados. Tomada em close, busto acima. Ao fundo, a vegetação local.	D. Ondina fala do local em que nasceu: um sítio, próximo à comunidade, cujo dono era seu avó. Fala que a mãe era a caçula das filhas mulheres de seu avô. As irmãs desta, por falta de oportunidades na região mudaram-se do local. A mãe teria permanecido ao lado da avó e do irmão menor. (chega a outra irmã D. Olga). Posteriormente, a mãe de D. Ondina, já com filhos mudou-se	CN		

00: 21:54	00: 22:51	Idem.	D. Ondina fala que a propriedade de seu avô foi herdada de um certo “Zé Cabra”. Este era um provável parente dos Breves, de acordo com D. Olga. Ela fala de “Zé Breves”. Conta que ele comprou inúmeras fazendas na região. Em sua visão, José Breves aparece como um “homem bom”. Diz que seu avô foi empregado dos Breves. Fala que vários membros da família Romão trabalharam para esse proprietário (Ao fundo, Seu Geraldo Romão comenta que os antepassados da família vieram da África).	CN MA		
00: 22:51	00:23:09	Câmera focada em D. Ondina.	D. Olga e Seu Romão fazem comentários. Ao comentário de D. Olga sobre os Romão que trabalharam para os Breves, a sua irmã D. Ondina complementa, afirmando que os bisavôs de sua mãe foram escravos daquela família. (os irmãos são convidados a sentar ao lado de D. Ondina).	ME		
00:23:09	00: 24:01	A câmera balança um pouco	D. Ondina diz ser a mais velha de uma família de 13 filhos.			
00: 24:01	00: 24:44	Sem interferências.	D. Ondina e Seu Geraldo Romão falam da Igreja de Santa Rita. Mais precisamente da estrutura da mesma. Comentam com que ela foi feita de estuque pelos escravos.	ME		

00: 24:44	00: 26:35	Idem.	D. Ondina fala das dificuldades enfrentadas, junto com o irmão Augustinho (já falecido) na infância. Os irmãos lembram que a mãe trabalhava na roça. D. Ondina foi a única que conviveu com o avô. Ela faz uma descrição física do mesmo, afirmando que este era filho de escravos.	CN ME		
00: 26:35	00: 26:54	Idem.	D. Olga fala de José Breves. De acordo com estas, os “antigos” lhe contavam histórias do bom Breves.	ME.		
00: 26:54	00:27:54	Idem.	D. Ondina, ao ser perguntada sobre o nome do bisavô, diz não saber o nome deste. Porém, Seu Geraldo Romão afirma que o bisavô veio da África. Os irmãos começam a falar ao mesmo tempo. A entrevista torna-se um pouco confusa. Enquanto a irmã mais velha fala das histórias contadas por seu avô, ou outros irmãos falam dos Romão mais antigos. D. Ondina comenta sobre o pai. Fala que este era mais velho que sua mãe. D. Ondina fala sobre o costume de casar e ter filhos muito cedo na família.	MA		

00:27:54	00:29:00	Idem.	D. Ondina afirma ter ido para o Rio de Janeiro após o casamento. Esta mudança lhe permitiu melhores condições para ajudar a família no Bracuí. Diz também, que seu tio já havia mudado para Nilópolis e, ainda, uma tia já morava no Irajá. Sua mãe, a caçula da família, ficara no Bracuí.			
00:29:00	00: 29:27	Idem.	D. Olga e sua irmã falam dos filhos de sua avó. A avó tivera dez filhos. Quatro destes morreram cedo. A mãe delas, a caçula entre as mulheres, morrera com 110 anos em 2004.			
00: 29:27	00: 33:08	Idem.	Os irmãos falam do recrutamento feito, na região, na época da Guerra (2ª Guerra Mundial?). O tio foi um dos recrutados. Designado para servir no destacamento da Vila Militar, no Rio de Janeiro, saiu para não mais retornar. Como alternativa para fugir do recrutamento os irmãos afirmam que os rapazes não se registravam no cartório. O pai deles usou do mesmo artifício para não ser recrutado. Os irmãos lembram que, quando eram crianças, as casas eram muito distantes uma das outras. O ataque de animais das matas da região, como a onça, era comum nesse tempo, segundo eles.			

00: 33:08	00:33:51	Idem.	Eles comentam que o pai saía para tocar sanfona nos bailes distantes de onde moravam.	CA		
00:33:51	00:34:48	Idem.	D. Olga comenta que aos nove anos, na época da “Revolução do Getúlio”, foi para o Rio de Janeiro. Sua irmã mais velha, D. Ondina, que, já havia casado e morava naquela cidade, cuidou daquela desde então. No Rio, permaneceu por longo tempo. Casou, teve dois filhos e ficou viúva. Retornou ao Bracuí depois da morte do marido. Já a irmã mais velha continuou morando no Rio. Os finais de semana, ela passa na casa que construiu na comunidade.			



00:34:48	00:39:53	Idem.	<p>Perguntados sobre qual era o divertimento da época dos pais, os irmãos falam que eram os bailes. Falam dos instrumentos como sanfona e viola que animavam os bailes que aconteciam nas casas dos moradores da comunidade. (falam também de cavaquinho e da gaita). Dizem que o calango era tocado a noite toda. Falam dos desafios no calango. Seu Geraldo Romão canta um verso de Calango: “Menina que foi que disse essa noite serenou/ Eu deitado no seu colo/ serena não me molhou.”</p> <p>Eles comentam que enquanto os adultos dançavam nos bailes as crianças ficavam assistindo sentadas no chão. Falam, também que assistiam aos pais nas rodas de jongo. Falam, ainda, dos caminhos que percorriam e das trilhas que davam acesso aos bailes distantes de sua casa. Comentam rapidamente de folia de reis.</p>	CA JO FR		
----------	----------	-------	--	----------------	--	--

00:39:53	00:40:57	Idem.	Ao lembrar do tempo antigo, os irmãos criticam os mais novos que fogem da labuta na roça, e, procuram empregos de dondoca fora da comunidade. Contrastam os novos tempos com o antigo quando a comunidade usava dos recursos naturais disponíveis na região. . Olga pede licença para terminar a entrevista, pois quer ir para a roda de jongo. Seu Geraldo também pede licença para sair.			
00:40:57	00:42:03	Idem.	D. Ondina lembra de como achava bonito o jongo quando era mais nova. Fala das roupas feitas com saco de farinha de trigo (estopa). Diz que a mãe e suas tias usavam essas roupas pra dançar o jongo. Seu Geraldo fala de uma dança sapateada com tamancos.	JO	Seu Manuel Morais, em sua entrevista, também comenta sobre uma dança com sapateados.	
00:42:03	00: 42:50	Idem.	D. Ondina fala que a mãe ganhava um tostão por dia trabalhando de enxada na Fazenda do Macedo.	CN		

00: 42:50	00:57:54	Idem.	<p>D. Ondina fala de como eram as condições de vida quando criança. Diz que as coisas, nessa época, eram compradas em grandes quantidades. Bananas eram compradas em “cento”. Farinha, também.</p> <p>Flam do pai. Ele era conhecido como um grande curandeiro da região. D. Ondina fala que o pai curou o seu padrinho que era um americano vindo da Itália depois da guerra. Este vivia numa ilha próxima: a Ilha do Pirata. Respeitado por seus dons de curandeiro, o pai, tornou-se bastante procurado por pessoas de várias condições sociais dentro e fora de Angra dos Reis. Vindo de São Paulo, era caçador e tocava uma sanfona de oito baixos. Seu Geraldo menciona que tem oito irmãos na Fazenda da Grama, por parte de pai. O motivo de o pai ter vindo de São Paulo foi devido a uma briga de fazendeiros. Seu Geraldo comenta que o pai dizia-lhe que iria morrer, mas não ensinaria os segredos da arte de curar. Pois, segundo Seu Geraldo, o pai não os considerava preparados para assumir tal compromisso.</p>	CN FA CA		
-----------	----------	-------	--	----------------	--	--

00:57:54	01:00:25	Idem.	Os irmãos dizem que antigamente existia mula-sem-cabeça e lobisomem na região. E, novamente, criticam os mais novos que segundo eles, seriam desapegados das crenças compartilhadas pelos antigos.			
01:00:25	01:00:54	Idem.	Os irmãos falam sobre as pessoas vindas de fora, que passaram a morar próximo ou dentro da comunidade. Estas se constituem, segundo eles, uma incômoda vizinhança.			
01:00:54	01:02:35	Idem.	Os irmãos lembram que antigamente havia mais solidariedade e cooperação entre os moradores da comunidade. A época antiga é lembrada como um período de muita fartura. Seu Geraldo comenta que os bancos só apóia hoje os ricos. Mas, pobre na roça não apóia. Seu Geraldo refere-se às dificuldades enfrentadas pela comunidade para ter as suas roças. Elas seriam proibidas devido ao litígio com pessoas de fora da comunidade.	CN		

<b>Legenda dos temas</b>	<b>Equipe de decupagem</b>
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Thiago Campos